

O SIGNO DE LEÃO À LUZ DA MITOLOGIA

Francisco de Assis Florencio (UERJ)

ff017066@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo traduzir e tecer comentários majoritariamente de cunho mitológico sobre um excerto da obra *De Astronomia* ou, segundo outros, *Poeticon Astronomicon*, de Caius Julius Hyginus. A obra está dividida em quatro livros: o primeiro é um resumo da Cosmografia; o terceiro livro descreve a posição das constelações na abóboda celeste e o número de estrelas que formam cada uma delas; o quarto livro descreve os sete círculos celestes, propostos no primeiro livro. O segundo livro, que é o maior de todos e é onde está o fragmento que trabalharemos, é uma compilação de catasterismos, que contém noções de Cosmografia e de Fábulas que contam como um ser, mitológico ou não, veio a se converter em uma constelação. Após a introdução, discorreremos sobre Higino e os autores gregos que o precederam. Logo depois, daremos início aos comentários sobre o texto *Leo*, excerto tirado, como já dissemos, da obra supracitada. Para tanto, iremos nos basear em autores consagrados, como Grimal, e em outros mais antigos e menos conhecidos; além destes, recorreremos também a uma bibliografia mais recente, mostrando, assim, o quão atual e significativo é o estudo do processo de mitificação dos signos do zodíaco. Por fim, para efeito de consulta, disponibilizamos dois anexos: o texto latino e a sua tradução.

Palavras-chave:

Higino. *De Astronomia*. Constelação de Leão.

ABSTRACT

The present work aims to translate and provide comments, mostly of a mythological nature, on an excerpt from the work *De Astronomia* or, according to others, *Poeticon Astronomicon*, by Caius Julius Hyginus. The work is divided into four books: the first is a summary of Cosmography; the third book describes the position of the constellations in the celestial vault and the number of stars that form each of them; the fourth describes the seven celestial circles, proposed in the first book. The second book, which is the largest of all and is where the fragment we will work on, is a compilation of catasterisms, which contains notions of Cosmography and Fables that tell how a being, mythological or not, came to be converted into a constellation. After the introduction, we will discuss Hyginus and the Greek authors who preceded him. Soon after, we will begin comments on the text *Leo*, an excerpt taken, as we have already said, from the aforementioned work. To do so, we will be based on renowned authors, such as Grimal, and other older and less well-known authors. In addition to these, we will also use a more recent bibliography, thus showing how current and significant the study of the process of mythification of zodiac signs is. Finally, for consultation purposes, we will make two annexes available: the Latin text and its translation.

Keywords:

Hyginus. *De Astronomia*. Constellation of Leo.

1. Introdução

Pretendemos, com nosso trabalho, mostrar como se deu o processo de mitificação do signo de Leão no texto de Higino. Para tanto, traduzimos e comentamos um trecho do *De Astronomia* que aborda essa constelação. Após a tradução, ficou claro o quão erudito e lido o liberto de Augusto era, pois ocorreu a vários autores gregos – principalmente Arato e Eratóstenes – para a composição de sua obra e para explicar como veio a ocorrer a transformação de um determinado herói, ser ou pessoa em astros. Identificar as fontes não foi uma tarefa fácil, pois, muitas vezes, o autor não cita nominalmente um estudioso grego ou o cita apenas pelo prenome, o que, com certeza, não seria estranho a um leitor do século I, mas, para um leitor do século XXI, uma informação desconhecida e confusa. Em razão disso, tivemos de recorrer, a fim de identificar a origem das fontes utilizadas pelo mitógrafo latino, a vários autores – ora antigos, ora modernos – que abordam a temática. Além disso, diferentemente de Ovídio, que narra, descreve e detalha o mito apresentado, Higino apresenta, sem se aprofundar muito, no mínimo duas vertentes para cada mito descrito, o que nos levou mais uma vez a debruçar-nos sobre obras que versam e versaram não só sobre a mitologia como um todo, mas que trabalham também a presença desta na obra do estudioso latino.

Deve-se destacar o quão importante foi a revisão bibliográfica para trazer luz a alguns aspectos obscuros no texto. Vale ressaltar que essa dificuldade em compreender o texto de Higino não se deve a qualquer falha por parte do autor, e sim à distância temporal existente entre sua obra e um leitor contemporâneo. Em razão disso, faz-se necessário, na leitura do texto em estudo, que se tenha em mãos um bom dicionário de mitologia como, por exemplo, o do Pierre Grimal. Além desse autor, consultamos também outros autores que se debruçam nos estudos de mitologia e de astronomia/astrologia na Antiguidade. Por fim, a principal fonte de cotejo de que fizemos uso foi a tradução espanhola *Cayo Julio Higino – Fábulas. Astronomía*, de Guadalupe M. Expósito.

Embora a Astronomia e a Astrologia não sejam o objeto principal do nosso trabalho e, portanto, não pretendemos aqui diferenciá-las ou mostrar pontos em comum entre elas, não nos furtamos de discorrer, ainda que de maneira módica, sobre sua origem e sobre como elas chegaram e foram recebidas pelos gregos e pelos romanos. Ressaltamos, aqui, que, segundo Jiménez (1994, p. 2), Astrologia e Astronomia nasceram juntas, mas que, com o decorrer do tempo, separaram-se e hoje Astronomia é uma ciência que tem por objetivo o estudo dos astros, enquanto Astrologia é

definida como o estudo dos mistérios, da magia e da fascinante influência astral sobre os acontecimentos humanos e, que, outrora, estava vinculada à Matemática e possuía status de *scientia sideralis*. A partir dessas definições, ele (*Ibidem*, p. 154) coloca a obra de Higino como um exemplo de Astronomia, uma que vez que, em Roma, a distinção entre elas estava no fato de que Astronomia estava ligada à ciência natural, que estudava o curso do Sol e da Lua e a posição das estrelas; enquanto a Astrologia se vinculava à superstição.

2. A origem dos estudos dos astros

Muitas culturas antigas olhavam para os astros à noite e identificavam neles vários tipos de formas. Os esforços mais antigos para catalogar as estrelas remontam aos textos cuneiformes e a artefatos que datam de aproximadamente 6.000 anos. Estas relíquias, encontradas no vale do rio Eufrates, outrora Babilônia, hoje Iraque, sugerem que os antigos observadores orientais, principalmente os caldeus, já no tempo de Homero e Hesíodo, tinham estabelecido um sistema de constelações do zodíaco, que é a faixa celeste atravessada pelo sol, lua e planetas. Isso se conhece graças a uma lista de estrelas presentes em uma tabuinha de argila, datada de 687 a.C., em escrita cuneiforme, que foi batizada pelos estudiosos de conjunto MUL.APINA, primeira palavra a aparecer na tabuinha (Cf. RIDPATH, 2018). As constelações, como nós conhecemos hoje, são, sem dúvida, bastante diferentes daquelas que foram vistas primeiramente pelos antigos, pois nosso céu noturno é uma mistura de imagens oriundas de diferentes culturas, quer antigas, quer modernas. Dentre essas culturas, o maior legado, sem dúvida, vem dos gregos e dos romanos, mais especificamente de suas mitologias.

Encontramos, já em Homero, a mais antiga referência mitológica grega ao céu e a seus astros. Esse episódio ocorre quando Hefesto forja para Aquiles um escudo, onde estavam desenhados "... a terra, o céu e o mar; o sol incansável e a lua cheia; e todas as constelações, (...) as Plêiades, as Híades e a Força de Oríon; e a Ursa, ..." (Íliada, XVIII, 486-490). Contudo, até então, a maioria das constelações ainda não estava associada à mitologia grega e, conseqüentemente, aos seus deuses, heróis e seres (CODER, 2013).

Segundo Jiménez (1994, p. 18), o conhecimento dos astros oriundos dos babilônios foi assimilado pelos eruditos gregos dos séculos IV e III, que, além do Sol e da Lua, só conheciam o planeta Vênus (*phospo-*

ros), mas que, a partir de então, acrescentaram mais cinco ao seu mapa astral: Cronos, que corresponderá a Nergal (deus da peste e da morte); Zeus, a Marduk (deus criador e da luz); Ares, a Ninurtu; Afrodite, a Ashtarote e Hermes, a Nabut. O mesmo autor (*Ibidem*, p. 19) acrescenta ainda que em pouco tempo os poetas se encarregaram de divinizar os planetas, o que resultou na transfiguração celeste dos mitos heroicos. Assim, ele (*Ibidem*) conclui a sua fala dizendo que a crença, oriunda do misticismo pitagórico e platônico, de que as almas dos mortos continuam a viver nas estrelas menores dos céus substituiu as antigas figuras do zodíaco e das constelações por heróis, monstros e objetos. Mas a mitificação definitiva do céu entre os gregos só virá a ocorrer com Eratóstenes, por meio da sua obra *Catasterimos*, que dará nomes heroicos às estrelas.

Ainda segundo Jiménez (1994, p. 144), em Roma, graças à influência grega, os estudos astronômicos foram introduzidos e desenvolvidos por meio de três vias: a) a literatura latina, b) a filosofia e c) a astrologia.

3. *Higino e seus antecessores gregos*

Os gregos possuíam uma palavra especial para designar o processo pelo qual coisas, seres ou pessoas eram colocados no céu: *katasterismos*, formada por *kata* (entre) e *aster* (astro, estrela). Esse processo está intimamente ligado aos mitos de transformação, uma vez que os mitos que envolvem *katasterismos* são, na verdade, mitos de metamorfoses. Há algumas razões para os deuses realizarem um *katasterismo*: a primeira é colocar no céu um marco comemorativo que trará à memória algo digno de ser visto e, conseqüentemente, lembrado; a segunda é uma forma de castigar uma pessoa ou uma criatura, expondo-a, assim, a uma eterna ignomínia. Vejamos agora os principais estudiosos de origem grega e latina da Antigüidade Clássica que escreveram a respeito desse assunto.

Nascido em Solos, provavelmente em 310 a. C., Arato veio a falecer em 240 a. C. Passou grande parte de sua vida estudando em Atenas, onde desenvolveu seus estudos com base na doutrina estoica e sua obra prima, *Phaenomena*, foi escrita a partir da interpretação estoica da natureza do universo. Como a razão divina, no início do Estoicismo, é invocada sob o nome de Zeus, ele procura mostrar como o governante do *kósmos* põe ordem nos céus e coloca os signos neles para assim beneficiar os mortais. Sua obra tornou-se bastante conhecida entre os romanos. Ela não só foi traduzida para o latim, mas também apareceram muitas

edições que, além da tradução, eram acompanhadas de comentários. Continuou a ser bastante editada na Idade Média, onde, além das traduções e comentários, passou a ser acompanhada de ilustrações.

Depois de Arato, o trabalho mais significativo para o estudo dos astros e dos signos do zodíaco foram os *Catasterismoi*, escritos por Eratóstenes e cujo texto se perdeu no decorrer do tempo. Ele nasceu no Norte da África, na cidade de Cirene, no terceiro século a. C., e veio a falecer na primeira década do segundo. Dirige-se a Alexandria onde se aprofunda nos estudos de Filosofia, Literatura, Geografia, Matemática, Astronomia etc. Segundo Hard (2015, p. 298), ele se autodenominou ‘Filólogo’, a saber, ‘aquele que ama o conhecimento’, um sentido com certeza bem mais amplo do que a palavra veio a adquirir depois.

Caio Júlio Higino, um liberto de Augusto, nasceu em 64 a. C., e veio a falecer em 17 d.C. Há dúvidas quanto à sua terra natal, havendo, por isso, duas possibilidades: Península Ibérica ou Alexandria. O que se sabe é que Augusto, vendo o seu potencial, faz dele um pupilo de Alexandre Polihistor, diretor da Biblioteca Palatina, fundada pelo próprio imperador em 28 a.C. Após a morte de seu preceptor, Higino é nomeado diretor da Biblioteca Palatina por Augusto. Conforme testemunho de Boff (2013, p. 55-6), as bibliotecas naquela época não eram apenas um lugar onde os livros eram armazenados para serem consultados, mas equivaliam às casas de culturas, às academias de nossos dias. Nelas havia ardorosos debates filosóficos e era, por isso, bastante frequentadas por escritores, poetas, historiadores e intelectuais. Foi graças a esse ambiente de conhecimento, estudo e debate que Higino não só veio a conhecer renomados poetas, em especial, Ovídio, mas também a instruir outros do mesmo quilate como, por exemplo, Virgílio.

Talvez por viver cercado de livros e intelectuais, Higino não se limitou a abordar um único assunto, mas enveredou por muitos temas e, em razão disso, numerosa é a obra por ele produzida. Ainda segundo Boff (2013, p. 56-7), ele escreveu sobre os deuses; legou-nos biografias de pessoas ilustres da cidade de Roma e do mundo que a cercava; fez descrições geográficas das cidades da Península Itálica; abordou o cultivo da terra e a apicultura; produziu ainda um compêndio de mitologia geral, intitulado de *Fabulae* ou *Genealogiae*, por meio do qual faz uma compilação de 300 histórias oriundas da mitologia greco-latina; por fim, escreve *De Astronomia*, obra que aborda Astronomia e Astrologia. Ridpath (2018) informa-nos ainda que na Idade Média e durante o Renascimento, muitas versões ilustradas dos escritos de Higino sobre Astrono-

mia foram produzidas. Além das versões, O *Poeticon Astronomicon* foi de vital importância para a composição da obra *Congestiorum artificioso memoriae*, cujo autor, Johannes Romberch, sugeriu que os elementos do cosmos e os signos do zodíaco podiam ser usados como recursos mnemônicos (Cf. RAYBOULD, 2005, p. 139).

Para compor a sua obra sobre a mitologia das constelações, Higino se baseou principalmente nos escritos de Eratóstenes, sem deixar, claro, de beber no texto de Arato e fazer seus próprios acréscimos (Cf. RIDPATH, 2018). Como a obra de Eratóstenes nos chegou fragmentada, baseamo-nos, a título de cotejo, na obra *Catasterimōrum Reliquiae*, de Carolus (1881), onde se pode encontrar manuscritos que retomam tanto os textos de Eratóstenes e Arato, quanto o de Higino: do primeiro, estão presentes *Epitome*, um resumo dos Catasterismos, produzido por volta do século X d. C., em Constantinopla, e *Scholia Germanicus*, breves e livros adaptações latinas do material eratósteniano conhecido como ‘PHI’; de Arato, temos *Scholia Arati*, comentários que servem de compreensão ao texto de Arato.

A Astronomia chegou ao seu apogeu na Antiguidade com Cláudio Ptolomeu, cujas datas de nascimento e morte são, aproximadamente, 100 e 178 d. C. Desenvolvendo seus estudos em Alexandria, escreveu, em grego, um tratado de astronomia e matemática que, posteriormente, veio a se chamar *Almagesto*. A razão pelo nome em árabe se deve ao fato de Alexandria ter perdido para Bagdá, no século VIII d. C., o título de centro da Astronomia. Com essa obra, Ptolomeu tornou canônica a teoria geocêntrica do universo que, como sabemos, vigorou por mais de mil e duzentos anos, só vindo a cair por terra com a teoria heliocêntrica de Copérnico. De acordo com Coder (2013, p. 56), apesar do equívoco quanto à colocação da Terra no centro do universo, o seu esforço em catalogar as estrelas e suas constelações serviram de base para a moderna lista de oitenta e oito constelações.

4. Comentários

Até hoje se costuma dizer que o leão – pelo seu porte, beleza física e pela sua condição hierárquica na cadeia alimentar - é o rei dos animais. Essa afirmação não está apenas no pensamento ocidental, mas também no oriental, em especial, no japonês (Cf. GOLDBERG, 2015). No texto de Higino é dito a mesma coisa a respeito desse animal por meio do sintagma *ferarum princeps*, “príncipe das feras”. Aqui, como se

pode ver, o autor prefere *princeps* a *rex*. Há, para essa preferência, uma explicação histórica: o povo romano tinha verdadeira ojeriza à monarquia, que, como se sabe, marcou um período de turbulência, de violência e de abusos, inclusive de ordem sexual, como veio a ocorrer com Lucrecia. Em contrapartida, o período em que Higinio vivia era um tempo de paz (*Pax Romana*), conhecido como Principado, cujo *princeps* era Augusto. Esta é, então, segundo o texto, a primeira explicação para Zeus ter transformado o leão numa constelação. A segunda, de acordo com outros autores consultados por Higinio, teria sido o fato de esta constelação ter passado a existir não de um leão qualquer, mas do leão dos doze trabalhos de Hércules. O autor não usa o epíteto deste leão, a saber, ‘de Nemea’, pois já entendia que os seus leitores já sabiam de quem se tratava. O leão de Nemea, segundo Grimal (2000, p. 208), era um monstro, filho de Equidna e de Orto, que aterrorizava e devastava a região de Nemea, antes de ser vencido por Hércules.

Merece destaque o substantivo empregado no texto para designar o que comumente se traduz por ‘trabalho’. Aqui se faz uso de *certatio*, ‘combate’, ‘luta’, ‘desafio’ que, em grego, corresponde a *érgon*. Cremos que a melhor tradução para o vocábulo em estudo seja ‘desafio’, uma vez que a palavra ‘trabalho’, em nossos dias, em razão de sua polissemia, traria dificuldades para o entendimento de um leitor contemporâneo, pois, para ele, o título ‘Os doze trabalhos de Hércules’ é menos claro que ‘Os doze desafios de Hércules’.

Para explicar como Hércules imobilizou e matou a fera de Nemea sem o uso de qualquer arma, o liberto de Augusto faz uso do termo ‘inermes’. Assim como ocorre alomorfa em ‘inerte’ (in + arte) e ‘imberbe’ (in + barba), encontramos o mesmo fenômeno em ‘inermes’ (in + arma), ou seja, ‘sem arma’, ‘desarmado’. Este determinante é usado no texto para explicar que Hércules matou o leão de Nemeia com as próprias mãos, sem o emprego, portanto, de qualquer arma: primeiramente o enforcou e, em seguida, arrancou a pele do leão com as próprias unhas do animal, fazendo dela sua própria armadura, uma vez que a pele da fera era impenetrável. Segundo Hard (2015), embora no texto de Eratóstenes seja dito que ele lutou desarmado contra o leão para sua própria glória, isso deve ter acontecido pelo fato de a pele do leão ser invulnerável, o que é confirmado também por Píndaro e Apolodoro. Além desses dois autores gregos – aqui identificados por Hard – no texto de Higinio encontramos uma referência direta a um autor que descreveu o episódio do primeiro desafio de Hércules, a saber, Pisandro de Rodes, poeta grego do

século VII a. C., e autor de uma Heracleia, cuja existência é conhecida graças a muitos testemunhos indiretos, como o do próprio Higino.

Em seguida, o texto passa a abordar sete estrelas que estão acima da imagem (*simulacrum*) da constelação de Leão e próximas à de Virgem. Higino, baseando-se no matemático Conão de Samos e em Calímaco, poeta grego do século III, famoso por seus hinos e epigramas, diz-nos que é a Cabeleira de Berenice. Voltaremos a falar sobre esses dois autores gregos mais adiante. Antes, porém, deve-se salientar o fato de que, ainda que Higino apresente, no início do texto, a constelação de Leão à luz da mitologia, ele, ao falar das sete estrelas, acrescenta ao seu texto uma aderência histórica. Esta se dá quando ele começa a falar das *crines Berenices*. Esta é Berenice II (267 a 221 a. C.), rainha Egípcia e esposa de seu próprio irmão, Ptolomeu III (conhecido por *Benefactor*), filha de Ptolomeu II e da rainha Arsínoe. Quando seu marido teve de sair em campanha contra os sírios (3ª Guerra Síria: 247-246 a. C.), Berenice, preocupada com o retorno dele, fez um voto à deusa Vênus: caso seu marido retornasse da guerra como vencedor, ela cortaria sua cabeleira e a deixaria no templo da deusa, ou seja, um ex-voto. Tendo o marido retornado são e salvo e vitorioso, Berenice cumpre seu voto e deixa a sua cabeleira no templo da deusa Vênus Arsínoe, em Zéfiro.

O epíteto ‘Arsínoe’ atribuído à deusa se deve ao fato de esta sacerdotisa ser uma hipóstase da deusa do amor, no cabo de Zéfiro, que estava ao norte de Alexandria. No dia seguinte, a cabeleira havia sumido, o que abalou grandemente o monarca. É aí que aparece a figura de Conão, que, além de matemático era astrônomo e servia na corte do rei Ptolomeu III. Segundo o estudioso alexandrino, as crines Berenices haviam sido levadas aos céus e podiam ser vistas agora entre as estrelas. Teceremos agora dois comentários: um de ordem histórica e outro de cunho gramatical. Quanto ao acontecimento histórico, Coder (2013) acrescenta que, em meio às festividades referentes ao retorno do rei, descobriu-se que a *coma Berenices* havia desaparecido. Em razão disso, os sacerdotes responsáveis pelo templo de Vênus deveriam ser sacrificados se a cabeleira da rainha não fosse encontrada.

Para salvar a vida deles, Conão teria inventado a história, fazendo com que todos acreditassem que a deusa havia aceitado a oferenda e que a teria transformado na constelação homônima. No que concerne ao comentário gramatical, merece destaque a seleção lexical feita por Higino, que prefere *crines* a *coma*. O primeiro vocábulo designa o cabelo num sentido meramente físico, estando, por isso, próximo de *capillus*; além

disso, no sentido poético, traz consigo a ideia de ‘cauda’ de cometa; *coma*, por sua vez, é especificamente usado para designar o cabelo feminino, conotando, por isso, a ideia de ornamento natural e de beleza (Cf. DODERLEIN, 1852), sendo, talvez por isso, o termo escolhido para designar a constelação que só foi assim batizada no século XVI por Tycho Brahe, a saber, *Coma Berenices*. Já Catulo, ao traduzir o poeta Calímaco, prefere, para falar da ‘cabeleira de Berenice’ no *carmen* 66, o vocábulo *caesaries*.

Tendo ainda Calímaco como fonte de consulta, Higino nos diz que está Berenice criava cavalos e que tinha por costume enviá-los para disputar os jogos da cidade de Olímpia. Segundo Hard (2015), já era costume na dinastia dos Ptolomeus o envio de cavalos e carruagens aos Jogos Olímpicos, tendo esta dinastia obtido um número significativo de vitórias. Acrescenta ainda que a própria Berenice, após vencer uma competição nos Jogos de Nemea, foi eternizada por Calímaco – a fonte de Higino – em um de seus poemas. O texto continua ainda a enfatizar as qualidades de Berenice como amazona. Sem nomear os autores, Higino acrescenta que Ptolomeu II, cercado por inimigos e na iminência de morrer, foi salvo por sua filha, que, à frente do exército e montada num cavalo, pôs em fuga e matou a muitos inimigos. Daí, ainda segundo o texto, ter sido denominada de *magnanimam* por Calímaco, a saber, uma mulher ‘de espírito corajoso’.

Por fim, o liberto de Augusto conclui o seu texto apresentando-nos um ato de autoridade de Berenice. Segundo o texto, a rainha ordenou que se devolvesse o dote a que as sete virgens lésbias teriam direito como herança paterna, mas que ainda não lhes havia sido entregue. Esta passagem e as fontes que lhe deram origem são nebulosas, pois ainda que Higino diga que a colheu de Eratóstenes, não há, – como nos diz Expósito (2008, p. 281) – nenhuma referência a esse acontecimento no texto deste autor, mas que provavelmente estaria em Conão. Existe ainda a dúvida de quem seriam estas ‘virgens lésbias’. A primeira possibilidade é a de que elas seriam as sete estrelas da Cabeleira de Berenice, havendo, assim, uma perfeita identificação com as estrelas da lenda. Outra possibilidade seria uma referência às sete virgens presentes na *Ilíada*, canto IX, vv. 129-134, que foram tomadas como espólio de guerra por Aquiles, dentre as quais estavam Briseida, a quem Agamêmnon havia tirado do Pelida. Por fim, no *scholia Germanicus*, é-nos dito que as estrelas representam certas *virgines lesbiae* que morreram em Lesbos (HARD, 2015).

5. *Considerações finais*

Muito se diz sobre os signos do Zodíaco com base na Astrologia e na Astronomia, mas pouco se fala sobre a influência da mitologia em sua nomenclatura e história. Acreditamos que, ao traduzir e comentar este excerto do estudioso e poeta Higino, mostramos ao leitor moderno um pouco da importância da mitologia greco-romana para o estudo dos astros. Vimos que, antes de Higino, alguns autores gregos, em especial Arato e Eratóstenes, já se debruçavam nos estudos dos astros à luz da mitologia e, em particular, nos signos do Zodíaco. O liberto de Augusto, por sua vez, dá continuidade a estes estudos e é graças a ele que tomamos conhecimento de muitas informações e autores, cujos textos se perderam, mas que chegaram até nós por causa de sua pena. O texto *Leo*, seguindo a tradição literária grega, apresenta-nos a explicação mitológica não só para o catasterismo do leão e sua consequente mitificação na constelação homônima, mas também para a Cabeleira de Berenice, que só veio a ser reconhecida como constelação no século XVI. No caso de Berenice, há uma fusão de um fato histórico com uma aderência mítica, a saber: a cabeleira de Berenice, oferecida como um ex-voto, para que o marido retornasse incólume da guerra, foi transformada numa constelação como explicação para o seu sumiço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLODORUS; HYGINUS. *Apollodorus 'Library and Hyginus' Fabulae: Two Handbooks of Greek Mythology*. Translated by R. Scott Smith and Stephen M. Trzaskoma. Indianapolis: Hackett Pub Co, 2007.

ARATUS. *Phaenomena*. Edited with introduction, translation and commentary by Douglas Kidd. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BUNTE, Bernhardus. *Higini Astronomica: Ex codicibus a se primum collatis*. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=mJXCOFnVyvsC&pg=GBS.PP1&printsec=frontcover>. Acesso em: 23/09/2022.

CAROLUS, Robert. *Eratosthenis Catasterismorum Reliquiae*. Disponível em:

<https://play.google.com/books/reader?id=BwGS1cW1OQAC&pg=GBS.PP7&hl=pt-PT&printsec=frontcover>. Acesso em: 23/09/2022.

CODER, Errol Jud. *The Constellations – Myths of the Stars*. 2º Edition. USA: Createspace Independent Pub, 2013.

DODERLEIN, Ludwig von. *Döderlein's Handbook of Latin Synonymes*. London: Francis & John Rivington, 1852.

ERATOSTHENES; HYGINUS. *Constellation Myths with Aratus's Phaenomena*. Translated with an introduction and notes by Robin Hard. UK: Oxford University Press, 2015.

GOLDBERG, Eili. *The Big Symbols Book: the ultimate dictionary for symbols in mythology, cultures and religions*. Sine loco: Astrolog Publishing House, 2015

HIGINO, Cayo Julio. *Fábulas*. Astronomía. Traducción de Guadalupe Morcillo Expósito. Madrid: Ediciones Akal, 2008.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das Letras, 2013.

JIMÉNEZ, Aurelio Pérez. *ASTRONOMIA E ASTROLOGIA – De los Orígenes al Renacimiento*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1994.

RIDPATH, Ian. *Star Tales*. Revised and Expanded Edition. Cambridge: The Lutterworth Press, 2018.

RAYBOULD, Robin. *An introduction to to The Symbolic Literature of the Renaissance*. UK: Trafford Publishing, 2005.

APÊNDICE A: TEXTO LATINO

Hic dicitur a Jove inter astra constitutus, quod omnium ferarum princeps esse existimatur. Nonnulli etiam hoc amplius dicunt quod Herculis prima fuerit hæc certatio et quod eum inermis interfecit. De eo Pisandrus et complures alii scripserunt. Cuius supra simulacrum, proximum virginem, aliæ sunt VII stellæ ad caudam leonis in triangulo collocatae, quas crines Beronices esse Conon Samius mathematicus et Callimachus dicit. Cum Ptolemæus Beronicen, Ptolemæi et Arsinoes filiam, sororem suam duxisset uxorem, et, paucis post diebus, Asiam oppugnatum profectus esset, vovisse Beronicen, si victor Ptolemæus redisset, se detonsuram crinem. Quo voto damnata, crinem in Veneris Arsinoes Zephyritidis posuisse templo, eumque postero die non comparuisse. Quod factum cum rex ægre ferret, Conon mathematicus - ut ante diximus - cupiens inire gratiam regis, dixit crinem inter sidera videri collocatum, et quasdam vacuas a figura septem stellas ostendit, quas esse fingeret crinem. Hanc Beronicen nonnulli cum Callimacho dixerunt equos alere et ad Olympia mittere consuetam fuisse. Alii dicunt hoc amplius Ptolomæum Beronices patrem, multitudine hostiam perterritum, fuga salutem petisse; filiam autem saepe

consuetam, insiluisse in equum, et reliquam exercitus copiam constituisse, et complures hostium interfecisse, reliquos in fugam coniecisse; pro quo etiam Callimachus eam magnanimam dixit. Eratosthenes autem dicit et uirginibus Lesbii dotem quam cuique relictam a parente nemo solverit, iussisse reddi, et inter eas constituisse petitionem.

APÊNDICE B: TRADUÇÃO

Diz-se que ele (o leão) foi colocado entre os Astros por Júpiter, porque se crê que ele é o príncipe dos animais. Alguns outros dizem também, só que mais amplamente, que este teria sido o primeiro desafio de Hércules e que ele, inerte, matou (o leão). Sobre isso, Pisandro e muitos outros escreveram.

Sobre sua imagem, próximo à Virgem, há sete estrelas, colocadas em forma de triângulo, junto à cauda do leão, as quais Conão de Samos e Calímaco dizem ser a cabeleira de Berenice. Depois que Ptolomeu se casou com sua irmã Berenice, filha de Ptolomeu e Arsínoe, e, alguns dias depois, partiu para a Ásia, com a finalidade de guerrear, Berenice fez uma promessa de que cortaria sua cabeleira, caso Ptolomeu retornasse vencedor. Comprometida pelo voto, pôs a sua cabeleira no templo de Vênus Arsínoe, em Zefirio mas, no dia seguinte, ela (a cabeleira) não apareceu (desapareceu). Isso abalou muito o rei. O matemático Conão - como dissemos - desejando obter o favor do rei, disse que a cabeleira poderia ser vista entre as estrelas e mostrou sete estrelas que não tinham forma alguma e que pareciam ser a cabeleira.

Alguns autores, como Calímaco, disseram que esta Berenice criava cavalos e costumava enviá-los a Olímpia; outros acrescentam que Ptolomeu, pai de Berenice, aterrorizado diante de uma grande quantidade de inimigos, buscou a salvação por meio da fuga; sua filha, que costumava montar a cavalo, reuniu o restante do exército, matou muitos inimigos e pôs em fuga o restante. Por essa razão, Calímaco disse que ela era magnânima. Eratóstenes, por sua vez, diz que ela (Berenice) ordenou que se devolvesse às virgens lésbias o dote que a cada uma havia sido deixado pelo pai, mas que ninguém havia entregado ainda, estabelecendo, assim, uma reclamação entre elas.